

O Quilombo dos Encantados: a presença negra entre os Tremembé de Almofala – Itarema (CE)

FRANDERLAN PEREIRA*

Resumo: O presente texto busca apresentar uma etnografia sobre a presença negra no território indígena dos Tremembé de Almofala no Ceará. Os marcos históricos descritos dialogam com fatos contemporâneos do lugar, e neles são representados algumas relações sociais que buscam dar visibilidade à múltipla diversidade étnica. A presença dos indígenas, dos negros e dos “brancos” são marcantes e nos convidam a repensar a colonialidade. Os “brancos”, portugueses, espanhóis e holandeses com suas instituições ocidentais e mecanismos de coerção ressignificaram o território, desenhando o pouco que conhecemos hoje. A histórica resistência dos indígenas e a chegada dos negros africanos se entrelaçam nos recortes etnográficos. Longe de representar toda a realidade e interculturalidade de Almofala, este escrito abre a discussão e apresenta questionamentos sobre a presença de povoados negros no *Território dos Encantados*.

Palavras-chave: Decolonialidade; Espiritualidade; Ancestralidade.

The Quilombo of the Enchanted: the black presence between the Tremembé from Almofala – Itarema (CE)

Abstract: This text seeks to present an ethnography about the black presence in the indigenous territory of Tremembé de Almofala, in Ceará. The historical landmarks described dialogue with the contemporary facts of the place, and in them are represented some social relations that seek to give visibility to the multiple ethnic diversity. The presence of indigenous, black and "white" is remarkable and invites us to rethink coloniality. The “whites”, Portuguese, Spanish and Dutch, with their western institutions and mechanisms of coercion, have given new meaning to the territory, attracting the little we know today. The historical resistance of indigenous peoples and the arrival of black Africans are intertwined in ethnographic cuts. Far from representing the whole reality and interculturality of Almofala, this work opens the discussion and presents questions about the presence of black settlements in the Territory of the Enchanted.

Key words: Decoloniality; Spirituality; Ancestrality.



* **FRANDERLAN PEREIRA** é doutorando em Educação pelo PPGE/ UFC; Mestre em Antropologia pelo PPGA UFC/UNILAB; com especialização em Agroecologia Desenvolvimento Rural Sustentável e Educação do Campo pelo PRONERA/UFC; e graduação em Ciências Sociais pela UECE. Educador e Pesquisador dos povos do campo e comunidades tradicionais.

O Território dos Encantados

Os estudos étnicos referendam-se nos processos políticos de afirmações identitárias e na constituição de grupos sociais, elaboram representações de suas formas de organização, manifestações e religiosidades. Como resposta os grupos sociais utilizam tais estudos como ferramentas para o fortalecimento de seus processos político e culturais (BARTH, 2000). Nesse contexto dinâmico, os dados científicos fomentam reivindicações de dívidas históricas e demandas sociais perante a manutenção e recorrência de muitas injustiças na maioria desses grupos, visto que as problemáticas sociais são justificativas para a realização da maioria das pesquisas. Nesse estudo pretendo dar destaque à presença negra em um território que historicamente é marcado pelos conflitos de terra e pela presença indígena, aqueles que Frantz Fanon (2005) nomeou como os “condenados da terra”. A maioria dos estudos realizados nesse território tem como foco principal a presença indígena, e suas formas de resistência e colonialidades, de certa forma invisibilizando o contingente negro. Tal território refere-se a Almofala no Ceará, *Território dos Encantados*.

Começo apresentando uma breve narrativa para ilustrar a complexa dinâmica histórica do lugar, relaciono alguns marcos temporais a fragmentos etnográficos atuais no território, uma miscelânea de encontros e reinvenções culturais que atribuem a tal localidade especificidades que nos ajudam a compreender a presença negra em um território indígena, o qual é conhecido como o *Território dos Encantados*, ou Almofala. O nome Almofala remete a uma reelaboração simbólica, a qual associa aos inúmeros rituais que evocam os ancestrais Tremembé, nomeando tal

território como o *Lugar que a Alma Fala*, Almofala (RATTS, 1999).

O colonialismo europeu provocou enorme mudanças nas conjunturas organizativas de muitos povos pelo mundo. Em especial na Costa Leste Oeste do oceano atlântico, região que corresponde a costa norte do Brasil e onde se localiza Almofala. O processo de autonomia de um povo que veio a ser reconhecido como Tremembé, tem uma enorme representatividade nessas transformações. Estudos arqueológicos apontam que suas formas organizativas e a íntima relação com mar os remetem aos indígenas do Caribe, em processos de migração que datam de seis mil anos (BORGES, 2010).

Durante a expansão do colonialismo europeu no século XVI, o grupo étnico reconhecido como Tremembé ocupava um território litorâneo que se estendia entre os atuais estados do Maranhão, Piauí e Ceará. Durante esse processo, os Tremembé foram descritos como os “*tapuias da costa*” em referência aos atos de enfrentamento à ocupação da região pelos portugueses, franceses e holandeses (OLIVEIRA JÚNIOR, 1997; BORGES, 2010). Jóina Borges (2010) os explicou como sendo os “Senhores das dunas”, por ter na geografia do lugar uma extensa faixa de dunas em encontro ao mar. Na visão das embarcações europeias, e nas descrições nos diários de bordo das naus assemelhavam tal território, composto por dunas de areias, ao deserto do Saara. Tal descrição remete a uma adaptação fonética do nome Saara ao nome Ceará, atual estado onde se localiza Itarema.

No século XVII, por meio de acordos políticos com a coroa portuguesa, para atenuar os inúmeros conflitos, os Tremembé tiveram seus domínios demarcados nas aldeias de Tutóia no Maranhão, Almofala e Buriti no Ceará,

com a fixação de moradia e de território. No século XVIII mantêm relações comerciais com franceses, holandeses e espanhóis, contrariando os interesses da coroa portuguesa. Uma das mercadorias mais procuradas era o âmbar-gris. Tal tratava-se de excrementos de baleias, utilizados para a fabricação de perfumes. Os Tremembé são exímios mergulhadores, o que lhes facilitavam a coleta desses excrementos no fundo do mar. Tais produtos eram chamados de *Itarema*, que em tupi significa, *Pedra de Cheiro*. Almofala atualmente está localizado no município de Itarema no Ceará.

No século XIX, os Tremembé “perderam” o direito à terra pela regulamentação da Lei de Terras, sendo a posse repassada a sesmeiros. Por meio do decreto unilateral, assinado pelo governador da Província do Ceará, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, os Tremembé foram declarados como “*não existentes*” no Ceará. Se não existem mais os indígenas Tremembé, seu território passa então a ser propriedade da província do Ceará, tal fato tratou-se de uma manobra política contra os povos locais.

O Ceará foi a primeira província brasileira a negar oficialmente a existência de índios nas áreas dos aldeamentos e a promover a apropriação das terras indígenas, processo que se desenrola após a Lei das Terras de 1850 (SOUZA, 2002, p.114).

E nesse contexto político e histórico surgem as narrativas memorialistas sobre a chegada de grupos de negros africanos integrados a implantação de uma fazenda de Cana-de-açúcar no território. A Lei de Terra de 1850 foi uma política orquestrada pelas elites do país para estabelecer um novo acordo fundiário, para atender aos seus interesses particulares. Com a

expropriação do território Tremembé, seguido de muitos episódios de violência e opressão contra os indígenas, o título das terras foi repassado para o português chamado de Coronel José Frederico de Andrade.

Em um estudo realizado por uma escola local, a Escola do Campo Francisco Araújo Barros, alguns jovens do lugar traçaram uma narrativa sobre a história do lugar. Para isso, eles entrevistaram os habitantes mais antigos e sistematizaram as memórias sobre o lugar, fatos recontados a partir das lembranças dos moradores mais velhos, aludindo a recordações do que era contado pelos seus antepassados sobre a região, tais conhecimentos fora preservados por meio da *tradição oral* (BÂ, 1987).

O registro dos relatos foi feito em um caderno manuscrito. É rica a narrativa transcrita nesse caderno: são falas de esperança e melhoria de vida, mas também relatos do trabalho escravo que preponderava no período de funcionamento do engenho, do cativo de pessoas dos povoados local, negros e índios, e da construção da capela de Nossa Senhora da Conceição, referenciando tal igreja como um patrimônio da história do povoado.

A capela é o local onde se encontra atualmente o mausoléu do Coronel José Frederico de Andrade, detentor de um título de terra de 1850, que lhe dava a posse de uma extensa área, que vai muito além do território do aldeamento Tremembé e cuja imissão de posse ao Coronel Andrade ocorreu concomitante à promulgação da Lei de Terra de 1850. Nesse contexto, Isabelle Silva afirma que:

Pode-se dizer que o voraz e permanente processo de expropriação das terras indígenas que nos acompanha até a contemporaneidade teve início com

o não reconhecimento da propriedade coletiva indígena, inaugurado pela Coroa Portuguesa. O período de implantação da Lei de Terras foi mais uma etapa desse processo, que, baseando-se em atos, avisos, regulamentos, ordens e decretos posteriores, facilitou a expropriação delas, como é o caso da Ordem Imperial nº 44, de 21 de janeiro de 1856, que autorizou a extinção dos aldeamentos e a incorporação de suas terras, confundindo cada vez mais as terras indígenas com as devolutas. (SILVA, 2005, p. 334).

Como já informei antes, ocorreu na sequência a afirmação do decreto de 1863, assinado pelo governador da Província do Ceará, José Bento da Cunha Figueiredo Júnior, declarando a “não existência” de indígenas no Ceará. Considero esse fato como ponto-chave para compreendermos a história e o contexto atual sobre a demarcação e o conflito da terra dos Tremembé. A dimensão das posses das terras emitidas em nome do Coronel Andrade estendia-se dos atuais municípios de Acaraú à Amontada, abarcando toda a extensão de Itarema.

No século XX, o herdeiro de parte das terras, Padre Aristides Andrade Sales é descendente do Coronel José Frederico de Andrade, foi o pároco do município de Itarema e Acaraú e é uma figura presente nas declarações contemporâneas sobre os conflitos por terra na região. Nas narrativas locais, a fundação do povoado de Patos em Almofala ocorre após a chegada do Coronel Andrade com a sua família portuguesa, na qual este coronel aparece como responsável pela edificação do Engenho de cana-de-açúcar e do Casarão, exercendo dominação por meio de coerção armada sobre as famílias dos povoados dessa extensa área. A implantação da fazenda se interligava ao

Porto do Buraco da Tartarugas, local onde era realizado o comércio de carne de tartarugas marinhas em outras épocas. Por onde também desembarcaram a família portuguesa do Coronel Andrade e os negros africanos escravizados. O nome Buraco baseia-se nos buracos feitos para o cativo de tartarugas capturadas no mar. O termo Tremembé traz uma relação com o Taramembés, referenciado o povo que tinha o mar como lugar de vida, descritos algumas vezes como os homens tartarugas, e ou ainda peixes racionais (BORGES, 2010).

As narrativas dos jovens prosseguem passando pelo apogeu da fazenda na produção de açúcar, seu declínio após o fim do trabalho escravizado, concluindo os relatos falando da vida cultural do povoado, bem como das problemáticas atuais, como da falta de trabalho e da criminalidade. A abolição da escravatura ocorreu através da Lei Áurea, oficialmente Lei n.º 3.353 de 13 de maio de 1888, foi o diploma legal que extinguiu a escravização no Brasil. No entanto nos fica a questão: para onde foram os índios e negros escravizados que fizeram parte dos trabalhos na fazenda do Coronel Andrade?

Os movimentos políticos em Almofala, indígenas e camponês, são uma representatividade para o pensamento decolonial. Mesmo após a declaração da independência, da república e mesmo regimentado pela Constituição Federal de 1988, existe ainda investidas coloniais, que desafiam e subalternizam os povos de Almofala. Stuart Hall apresenta o pensamento decolonial como uma forma de construir uma nova forma de compreensão diante da incapacidade de antigas teorias para entendermos o mundo (HALL, 2003).

Capelas de Nossa Senhora da Conceição

A igreja de Almofala, ou a igreja dos índios, é um marco memorial acerca da espiritualidade presente entre os povos do *Território dos Encantados*, é um exemplo material da importância das relações sociais que permearam subjetivamente a história, os conflitos pelas terras e as manifestações culturais negras e indígenas. Originária de uma capela erguida para fomentar a evangelização dos indígenas Tremembé, atribuída a Nossa Senhora da Conceição, a qual deu o nome para a igreja que foi construída em 1702 (FILHO, 1965). No povoado de Patos, outra igreja homônima foi construída em 1889, próximo ao Casarão e ao Engenho de cana-de-açúcar, que, conforme memórias locais, foram erigidos pelos “brancos” portugueses que vieram no ano de 1850, juntos trouxeram negros escravizados para trabalhar e muitos jagunços para fazer a proteção e efetivar o propósito de estabelecer uma plantação de cana-de-açúcar. De acordo com um documento elaborado pelos jovens da Escola:

[...] de todos os povos que pisaram nesse torrão, apenas os “brancos” portugueses tomaram posse dessa comunidade, posseiros. De choças a alvenaria, de visitantes a

proprietários, de consumidores à proprietários, assim, esses homens ganharam fama e poder no auge da produção de açúcar, a localidade de poucos moradores ficou restrita sobre o domínio e o poder dos coronéis. Quem entrava não saía, virava refém diante da necessidade de trabalho e sobrevivência. Os poderosos coronéis tornaram-se pessoas poderosas em todo o território cearense. Além dos brancos, como eram chamados os coronéis de origem portuguesa, Patos recebeu pessoas de origem africana, pois consta na comunidade um grande número de negros. (Patos: Memória da sombra do passado e superação do presente – ECFAB, 2018).

A igreja foi erguida pelo Coronel Andrade na frente da sua Casa-Grande (Casarão dos Patos) e do engenho de cana-de-açúcar. O início da construção deu-se logo após o soterramento pelas dunas da capela homônima, onde hoje é sede de Almofala; reverenciada como patrimônio dos Tremembé de Almofala, a capela foi descoberta pelas areias na década de 1940 e é o importante marco histórico desse contexto. Coronel Andrade, branco e português, conforme é lembrado no local, juntamente com sua família, exerceu poder e se apossou das terras de Almofala.



Figura 1 – Capela de Nossa Senhora da Conceição construída em 1702 – Sede de Almofala. Fonte: Acervo do autor



Figura 2 – Capela de Nossa Senhora da Conceição construída em 1889 – Povoado de Patos. Fonte: Acervo do autor

Durante certo período, Coronel Andrade estabeleceu um regime de escravização na região, apossando-se de uma larga extensão de terra entre os atuais municípios de Amontada, Itarema e Acaraú. Articulava-se com outras fazendas de gado do sertão, que juntas exerciam uma forte pressão no território por intermédio da atuação dos jagunços armados. Muitos dos indígenas foram submetidos aos trabalhos servis nas suas fazendas e se somaram aos negros escravizados. Uma das rezadoras da comunidade, a Maria, a qual se afirmou devota de Nossa Senhora da Conceição, falou que a Igreja do Patos foi construída para atrair mais pessoas de Almofala para servir na fazenda do Coronel Andrade. Contou que entrou nela apenas uma vez e sentiu um mal-estar muito grande, comentando que talvez fosse por estar lá até hoje os mausoléus com os restos mortais do Coronel Andrade e alguns filhos dele. Declarou ainda que os Andrade não deixaram mais nenhuma semente de gente nessa terra.

No dia dois de fevereiro de 2019, estive na localidade de Patos, local onde se cruzam as estradas que ligam Torrões, Varjota e Tapera a Barbosa, Paichicu e Morro dos Patos, este último fora chamado de “Morro do Buraco” em outro tempo, povoados que integram Almofala. No povoado de Patos, vê-se um projeto quadrangular, com uma igreja na cabeceira de uma grande praça, rodeada por largas ruas com calçamento, constituindo, dessa forma, um desenho urbano totalmente distinto de qualquer outro povoado no território abordado nesse trabalho. Próximo à igreja, encontram-se o Casarão, atualmente sendo utilizado como local de festas, e as ruínas do engenho de cana-de-açúcar localizado aos fundos do Casarão. Nesse dia, presenciei a Novena dos Navegantes, em caminhada um grupo seguia da Praia de Patos com destino à

igreja, em reverência a Nossa Senhora da Conceição. Similarmente, nessa data ocorrem em muitos locais as festas em reverência a Iemanjá, e a congruência das datas deixou-me com uma certa inquietação para novas investigações sobre tais manifestações.

No ano de 1850, com a chegada do Coronel Andrade, é implantada a Fazenda Patos. Após a constituição da fazenda, Coronel Andrade se apossou de um extenso território, incluindo mangues e a enseada. No lugar existia um índio rezador, pajé, que também surgiu nas narrativas com a alcunha de “Pajé Pato” ou “Pajé dos Patos”, o qual foi o primeiro a ceder em “negociação” ao Coronel Andrade, existindo assim essa referência ao nome da fazenda.

Além de se apossar do território, o coronel utilizava mão de obra escravizada, africana e indígena, conseqüentemente, o declínio do engenho se deu no final do século XIX, em decorrência tanto da falta de mão de obra servil, assim como de irregularidades na produção da cana-de-açúcar devido às condições climáticas. A nomenclatura Patos se estende para outros povoados em referência à fazenda, são elas a Praia de Patos, Fazenda Patos, Patos Bela Vista e Morro dos Patos, esse último tinha outrora o nome de Morro do Buraco, em referência ao Porto do Buraco das Tartarugas que existiu no local.

João, pescador que mora na Praia de Patos, habilidoso mergulhador, em uma das nossas conversas, enquanto relatava sobre a prática de pescar a lagosta com as mãos durante os mergulhos, mencionou, entre tantas outras paisagens submarinas, que, bem próximo ao Morro de Patos, existe uma pedra no formato de

uma aruanã¹ gigante, localizada logo depois da enseada. Borges (2010) apresenta registros coloniais que tratavam os indígenas dessa costa como “peixes racionais”, em referência às suas habilidades no mar. Oliveira Junior (2006) retrata registros das vivências entre os Tremembé de Almofala, descrevendo-os como habilidosos mergulhadores e conhecedores do diversificado ecossistema marinho. Poderia essa pedra ter alguma relação com topônimo de Buraco da Tartaruga como mais uma tradução ao significado do nome Tremembé? Essa indagação irá perdurar, já que, para respondê-la, seria necessário um estudo detalhado sobre a origem morfológica dessa palavra associada a tantos outros preceitos.

Ainda sem uma resposta assertiva, retorno a falar da igreja de Patos, levantando o seguinte questionamento: poderia a igreja de Patos ter sido utilizada como ferramenta de coerção cultural favorável à lógica colonial que ali estava implantada? Quais circunstâncias explicariam a recusa de algumas pessoas a frequentarem tal igreja? Por que essa igreja teria o mesmo nome da igreja soterrada pelas dunas em Almofala? A ausência de mais dados e documentos sobre o local faz essa narrativa apresentar fatos quebrados, mas não incompreensíveis.

Mãe Maria e o óleo de Batiputá

Durante alguns dias de dezembro do ano de 2017, estava na praia de Patos no distrito de Almofala – Itarema (CE), a princípio em um momento de descontração e lazer, acompanhado de amigos e da minha filha Lis, hospedado na casa da amiga e comadre Hilma, a qual tornei-me padrinho de sua filha

Júlia por uma relação de afetividade e formalizado por meio de um ritual realizado em um Terreiro de Umbanda localizado no Quilombo da Taquara, localizado nos limites dos municípios de Caucaia e Maranguape no Ceará. A Cerimônia foi realizada pela Mãe Maria e pelo Pai Pontes.

Afirmo que tal residência encontra-se em território indígena Tremembé. Ainda sobre aquele fim de ano, a poucos dias da noite de réveillon, estávamos, eu, minha filha e um grande número de pessoas, em sua maioria do Quilombo da Taquara, hospedados na casa da Hilma, uma casa simples de alvenaria, parcialmente rodeada por alpendres, local onde armei a minha rede e passei algumas das noites daquele mês de dezembro. A casa da Hilma é localizada em frente ao mar, especificamente em uma enseada, na Praia de Patos, muito próximo a algumas dunas e ao manguezal, local onde outrora fora o Porto do Buraco das tartarugas.

Hospedados na casa da Hilma, em especial no quarto da anfitriã, estavam sua Mãe de Santo Maria com seu companheiro Pai Pontes, aproveitaram a viagem para fazer as “afirmações”, termo utilizado por Hilma para a consagração anual do seu altar e da sua residência, onde estavam presentes uma imagem da Nossa Senhora da Conceição ao lado de Iemanjá, as quais é devota. Ao fundo do altar apresentava uma bela cortina em tecido virtuoso da cor lilás, semelhante a seda.

Em uma das noites de dezembro, enquanto ajudava Hilma no preparo do jantar, algumas pessoas de um povoado vizinho chamado de Levada, parte da comunidade de Patos de Almofala, aguardavam no alpendre da casa, no

¹ A tartaruga-verde, uruanã ou aruanã é uma tartaruga marinha da família Cheloniidae e seu nome científico é *Chelonia mydas*.

intuito de obter uma consulta espiritual com a Mãe Maria. Hilma contou-me que todas as vezes que ela vinha era comum ser procurada por algumas pessoas daquela comunidade. A Levada traz uma característica importante para compreendermos um pouco do contexto deste artigo, pois no território é considerada como uma comunidade negra, apesar de muitos dos residentes serem oriundos de casamentos com pessoas de outras muitas comunidades do território, a maioria de descendência Tremembé.



Figura 3 – Ruínas do engenho de cana-de-açúcar

Fonte: Acervo do autor

Enquanto algumas pessoas aguardavam a Mãe Maria no alpendre, a mesma estava no quarto deitada, quando se levantou queixou-se de uma febre e esmorecimento do corpo, perguntando a Hilma se ela tinha algum comprimido para febre, enquanto Hilma respondia que não tinha em casa, mas que poderia providenciar com algum vizinho, sugeri a Mãe Maria que tomasse uma colher de óleo de batiputá, que estava no vidro na bancada ao lado do fogão. Sobre o óleo de batiputá já havia outras tantas vezes ouvido falar de seus princípios antitérmicos e anti-inflamatórios, expliquei que se tratava de um azeite produzido pelo povo indígena Tremembé que residia no território, no

Em especial para a história da comunidade, a Levada era o local onde moraram os antepassados negros escravizados, era também o local, pelas memórias a mim relatadas, em tempos mais remotos, onde também moraram os jagunços que faziam a proteção da família dos brancos que se apossaram das terras onde hoje é o povoado de Patos, e onde encontra-se as ruínas do antigo engenho.



Figura 4 – Ruínas do engenho de cana-de-açúcar

Fonte: Acervo do autor

momento Hilma afirmou que se tratava de um excelente remédio, considerado sagrado pelas rezadeiras da comunidade.

Mãe Maria sem muito questionar tomou uma colher do óleo e em poucos minutos apresentava uma sudorese, afirmando que a febre estava indo embora, neste momento voltou a pegar a pequena garrafa que o óleo estava armazenado e examinando-a começou a questionar sobre a origem. Hilma explicou que aquele óleo era extraído das matas do território pelas mulheres da comunidade e que estava na época da colheita do fruto. Mãe Maria expos o interesse em adquirir o óleo, Hilma falou que além de ser utilizado tradicionalmente pelas famílias do local, também era

comercializado e que havia uma boa procura pelo óleo. O litro estava sendo vendido por cento e vinte reais na época. Mãe Maria pediu a Hilma que lhe encomendasse uns dois litros para que ela os levasse para Taquara. Passando poucos minutos após o fim da febre da Mãe Maria, a mesma dirigiu-se até o alpendre para atender as pessoas que por ela esperavam. Hilma contou-me que desde 2012 Mãe Maria realizava consultas na comunidade.

Perguntei como as pessoas de lá ficaram sabendo da Mãe Maria, pois percebi, nos momentos em que estive na casa, que era comum pessoas chegarem a procura dela. Perguntei ainda como isso estava sendo recebido pelas demais pessoas da comunidade. Hilma contou que antes de fazer a “afirmação” da sua casa com a Mãe Maria, procurou os pajés e rezadeiras da comunidade, e em especial foi pedir autorização pessoalmente para o Pajé Luiz Caboclo, no intuito de não interferir na força dos *Encantados* do território, e que não houve nenhuma objeção. Hilma relatou que havia outros rezadores e rezadeiras nas comunidades e que essa prática das consultas espirituais, em especial aos *Encantados*, era muito comum nas comunidades do território.

Os senhores das dunas e suas caminhonetes

Dentro desta perspectiva, a história dos nativos na costa setentrional pode ser entendida como uma história de longa duração dos *senhores das dunas*: homens, mulheres e crianças que possuindo uma “conexão distintiva” com a região costeira, construíram seus modos de vida ligados ao mar e aos recursos e possibilidades que o ambiente costeiro lhes proporcionava. (BORGES, 2010, p.49).

Existe no Quilombo da Taquara um grupo de Afoxé, no qual um dos mestres de tambor é Igor, marido da Hilma. Todas as vezes que a visitei e ainda na minha última ida à comunidade, encontrei esticado e seco próximo ao alpendre da casa dela um couro de boi, de acordo com Hilma o intuito é fabricar “tambores ancestrais” para criar um grupo de tambor de crioula junto à juventude da comunidade.

Ela conta que em 2012, o grupo do Quilombo da Taquara realizou uma roda de Tambor de Crioula (Grupo de nome: Filhos da Mãe Maria e devotos de São Benedito) na frente da casa dela, a presença dos tambores, o colorido das saias rodadas e a grande animação em torno da imagem de São Benedito, santo que impulsiona a cosmologia daquele Tambor de Crioula, foi um atrativo a muitos jovens da comunidade, em especial as meninas, que por várias vezes depois procuraram Hilma para saber quando a “brincadeira” do Tambor de Crioula se repetiria.

Diante desses pedidos, Hilma conversou com Igor sobre a possibilidade de criação de um grupo de Tambor de Crioulas com os jovens e as jovens do lugar. Igor tem uma enorme sensibilidade e habilidade musical, porém diretamente desproporcional a disciplina, assim, a criação desse grupo continua nos planos dele e de Hilma. Igor costuma ser bastante procurado para animar as rodas de conversas com seu violão e ou tocar instrumentos de percussão nas bandas das festas locais, uma delas de Seu Augustinho Louvado. Essas atividades complementam a renda familiar, nos últimos anos ainda começou a ensinar violão em uma das escolas da comunidade.

Neste final de ano, como relatado no início do texto, estavam boa parte do grupo do afoxé da Taquara hospedados

na casa da Hilma, as constantes rodas de violão e pandeiros tornaram o alpendre um atrativo, havia uma sanfona que por vezes aparecia para animar as tardes. Em uma das tarde um fato diferencial ocorreu, chegaram três caminhonetes, uma delas que vinha a frente era dirigida por Augustinho Louvado com a sua companheira Chiquinha Louvado ao lado, as demais contavam com seus filhos, filhas e netos e netas, alguns nas boleias e outros nas carrocerias.

Várias pessoas estavam tocando instrumentos no alpendre, porém, com a repentina chegada a música foi interrompida. Durante a chegada do grupo, Dona Chiquinha Louvado ao entrar na casa da Hilma dirigiu-se primeiramente em sentido ao altar, localizado na sala de entrada da casa, em um gesto de referência fechou os olhos e com a mão direita sobre o peito e a esquerda levemente erguida proferiu uma longa articulação, sem sons, nos lábios, no sentido de quem faz uma oração para si, poucos minutos depois dirigiu-se até Hilma, abençoando-a e parabenizando pela beleza do altar, direcionando palavras para Mãe Maria, entre outros tantos comentários, afirmou ter a Hilma como um filha e uma importante pessoa para a comunidade. Dona Chiquinha é uma pessoa importante para a história da comunidade, trata-se de uma importante liderança política e espiritual, e que traz nas suas narrativas a sua ancestralidade Tremembé e cangaceira. Em um momento posterior, enquanto narrava sobre o histórico de conflitos sobre a terra do Território dos Encantados e tentativa de expulsão das famílias pelo pároco herdeiro, Dona Chiquinha falou:

Era um sofrimento, só que ninguém dá o braço a torcer, porque nós somos é resistente. Nós somos umas pessoas, negros e índios, que nós não abre mão da nossa origem, da

nossa identidade, nós não abre mão. Ou que roube, ou que faça e aconteça, ameaça de morte, pode ameaçar, quem tiver que morrer morre, e quem não tiver não morre, mas nós não damos o braço a torcer. Não vamos entregar nossa origem, nossa identidade (Dona Chiquinha 12.07.2019).

Das caminhonetes um grupo retirou uma boa quantidade de peixes, cocos secos, sacos de goma e grandes travessas de cerâmica, levando-os em direção a cozinha da casa, de outra caminhonete outros homens começaram a retirar madeiras e rapidamente acenderam uma fogueira e ao lado dela, utilizando pedras e tijolos do local, improvisaram um fogão e cobriram com uma grade de ferro que trouxeram junto a madeira, próximo a fogueira colocaram uma placa redonda de cerâmica plana, utilizada para fazer tapioca.

Na cozinha algumas mulheres começaram a tratar os peixes, cortando-os em pedaços pequenos. Para o preparo da goma, utilizam água, sal e coco ralado. Para descascar os cocos pediram a “máquina”, que não tendo em casa Hilma rapidamente tratou de providenciar com uma família vizinha, de Seu Américo e de Dona Maria. A “máquina” tratava-se de um tripé, de aproximadamente um metro de altura, fabricado em ferro com um lança afiada na ponta, utilizado para descascar os cocos secos, o vizinho que disponibilizou a “máquina”, Seu Américo, suponho, que no intuito de contribuir com a festa que estava sendo formada, ele mesmo fez questão de descascar os cocos enquanto conversavam em um tom de imensa euforia.

Com os cocos descascados e partidos, rapidamente eram ralados com a utilização de uma ferramenta chamada de marisco, uma tabua de madeira com

uma ponta arredondada e dentilhada de ferro presa a extremidade, dentilhada no formato de uma concha, suponho que por causa dessa ponta semelhante a uma concha tenha ganhado o nome de marisco. Com a utilização de uma cadeira e uma bacia sentavam na madeira sobre o assento da cadeira e entre as pernas, local onde sobrara a concha de ferro do marisco, as mulheres rapidamente ralavam o coco, com movimentos circulares com as mãos, sendo as raspas aparadas pela bacia logo abaixo do marisco, misturado com a goma levemente úmida e o sal estava pronta a massa para as tapiocas. Entre o mar e a casa, sobre a areia da praia, local onde a fogueira fora acessa, estava próximo a grade ao lado da fogueira outros homens a assar os peixes e sobre a placa de cerâmica começavam a preparar as tapiocas, neste momento a tarde virara noite e além do calor para o preparo dos alimentos, a fogueira clareava o terreiro e era um enorme atrativo para as brincadeiras das crianças.

Da caminhonete do Seu Augustinho também foi retirado alguns instrumentos de percussão, zabumbas e triângulos e uma sanfona dentro de um grande estojo, deu-se, então, início a uma animada festa, os instrumentos se juntaram aos do grupo que já estava hospedado na casa: duas sanfonas, alguns pandeiros, violões, triângulos, zabumbas, tambores, tamborins... eram complementados com palmas, batidas de pé e muitos outros sons que eram improvisados pela animação. A intensidade do som atraía a atenção da vizinhança da comunidade que logo juntou-se ao redor do alpendre.

Seu Augustinho Louvado é bastante conhecido em todo o território pelas festas que costuma fazer. Ele é um dos mestres de cultura do estado por conta da sua atuação na tradição dos reisados de

boi no território. E aos poucos as longas travessas de cerâmicas eram preenchidas com vários pedaços de peixe assado e tapioca. As tapiocas eram feitas parte sobre a fogueira na placa de cerâmica e outra parte no fogão da cozinha. Em pouco tempo todos e todas presentes estavam comendo peixe assado com tapioca em uma partilha comunitária de música e alimentos.

Dona Chiquinha e Seu Augustinho são parte da família conhecida no território como “os Louvados”, trazem em suas trajetórias um papel político fundamental na história de luta pela terra no território, ambos afirmam uma ancestralidade indígena Tremembé e tecem uma forte representação e vínculo com aquele território e uma especial pertença a terra. Dona Chiquinha nasceu na comunidade de Torrões e Seu Augustinho na Tapera. Participando desse momento remeto o ocorrido a uma analogia nas narrativas históricas levantadas por Joína Borges (2010), nas quais pontua-se o caráter etnocêntrico no contexto em que foram elaboradas, mas que ao ter contato com as suas descrições sobre os nativos daquela costa, remeti a esse momento vivenciado e por que não afirmar revivescido:

Em tempos mais recentes, crônicas e documentos dos séculos XVI a XVIII revelam que os habitantes da costa setentrional brasileira foram reiteradamente vistos como gente que “vivia”, “dormia”, ou seja, habitava sobre as areias das praias: O espanhol Pedro Mártir d’Anglería ([1511] 1989, p. 76), relatando episódios ocorridos em janeiro/fevereiro do ano de 1500, descreveu fogueiras vistas nas praias do Ceará, pelos navegadores espanhóis, e concluiu que eram provenientes de gente que dormia ao relento, ao modo de acampamentos. Um pouco mais de cem anos após, em 1614, o capuchinho francês Yves

d'Evreux ([1615] 2002, p. 179) descreveu os indígenas tremembés que habitavam as praias do Maranhão ao Ceará e que 34, ordinariamente dormiam sobre as dunas. Em nove de dezembro de 1722 (PRAHU) uma Consulta do Conselho Ultramarino informava que os “Tammambes”, que sempre ocuparam as praias do Maranhão e da Parnaíba (Piauí), tinham por sua casa e cama, a areia, e por sua seara, o mar. Berredo ([1749] 1988, p. 315), com certo exagero, afirmou que os tremembés eram tão inclinados à vida nas praias, que nunca saíam delas. (BORGES, 2010, p. 42).

Vivenciar o cotidiano no território e não imaginar como se davam tais costumes em outros tempos é impossível, são tradições que são corriqueiras e reinventadas a partir do ambiente. No entanto, a fogueira, o peixe, a música e as tapiocas, nesse dia proporcionaram o encontro, o diálogo, um festejar da diversidade e aliada a ela a espiritualidade em suas múltiplas representações.

Referências

- BÂ, Hampaté A. A Tradição Viva. In: VERBO, J-KI. **História geral da África**. São Paulo: Ática, 1987.
- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BORGES, Jóina Freitas. **Os senhores das dunas e os adventícios 'além mar: primeiros contatos, tentativas de colonização e autonomia tremembé na Costa Leste-Oeste (séculos XVI e XVII)**. 2010. 361 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.
- FANON, F. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- FILHO, Carlos Studart. **Aborígenes no Ceará**. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1965.
- HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Gerson Augusto de. **Torém: a brincadeira dos índios velhos. Reelaboração cultural e afirmação étnica entre os Tremembé de Almofala**. (dissertação de mestrado). Fortaleza: UFC, 1997.
- _____. **O encanto das águas: a relação dos Tremembé com a natureza**. Fortaleza: Museu do Ceará / Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- RATTS, Alecsandro J. P. **Almofala dos Tremembé: a configuração de um território indígena**. S/L, 1999.
- SILVA, Isabelle Braz Peixoto. **Vilas de índios no Ceara Grande: dinâmicas locais sob o Diretório Pombalino**. Campinas: Pontes, 2005.
- SOUZA, Maria Salete de. A ocupação da área e o povo Tremembé. In: SAMPAIO, José Levi Furtado; SOUZA, Maria Salete de; VERISSÍMO, Maria Elisa Zanella. **A Comunidade Tremembé: meio ambiente e qualidade de vida**. Fortaleza: INESP, 2002.

Recebido em 2020-07-01
Publicado em 2021-05-01